



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

ROSELIA PEREIRA DA SILVA

INTERDICISPLINARIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Guarabira - PB

2014

ROSELIA PEREIRADA SILVA

INTERDISCIPLINARIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas Interdisciplinares da Universidade estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Guarabira-PB

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Roselia Pereira da
Interdisciplinaridade como prática pedagógica
[manuscrito] / Roselia Pereira Da Silva. - 2014.
30 p. nao

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas
Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da
Paraíba,
Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof^o Ms José Otávio da Silva,
Educação".

1. Interdisciplinaridade. 2.Prática
Pedagógica. 3. Componente Curricular. I. Título.
21. ed. CDD 370

ROSÉLIA PEREIRA DAS SILVA

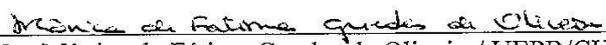
INTERDISCIPLINARIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

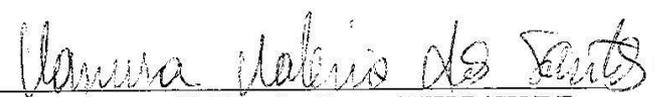
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 06 / 12 / 2014

Banca Examinadora:


Prof. Ms. José Otávio da Silva/ UEPB/CH/DE
Orientador


Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/ UEPB/CH/DE
Examinadora


Prof. Ms. Vanusa Valério dos Santos/ UEPB/CH/DE
Examinadora

Guarabira
2014

DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente neste ano de especialização, mas em todos momentos em que Ele se revelou como mestre dos mestres.

AGRADECIMENTOS

Á Deus que me deu saúde e força para superar as dificuldades. Agradeço aos meus pais (in memória) , pelo ensinamento de que:”O estudo é o único bem que realmente é seu e isto vale apena”. A meu esposo Jaelson que com paciência suportou os momentos de ausência no decorrer deste curso. A minha família, em especial, as minhas irmãs pelo apoio incondicional e estímulo para nunca desistir e sempre seguir em frente. Ao professor mestre José Otávio da Silva que me ajudou na realização desse trabalho. Agradeço a todos os professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial ao meu orientador, José Otávio da Silva, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Ainterdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém.”

Roland Barthes

RESUMO

Este trabalho apresenta um levantamento teórico para embasar as reflexões, sobre interdisciplinaridade como prática pedagógica, e a importância de sua inserção na construção do conhecimento em sala de aula. Para essa finalidade, a pesquisa valeu-se da contribuição de estudiosos que tratam acerca da interdisciplinaridade no âmbito da Educação, ampliando, assim, as reflexões sobre interdisciplinaridade e a interação entre os diferentes componentes curriculares e entre professores e alunos sem perder sua especificidade do tema tratado. Embora que o principal item da interdisciplinaridade seja o diálogo, a relação com o outro, pois não existe a interdisciplinaridade sem reflexão, sem entusiasmo, respeito, sem transformação, de forma que todos têm que estar abertos ao diálogo, objetivando a aprendizagem e tornando-a mais significativa e prazerosa.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Prática pedagógica. Componente Curricular.

ABSTRACT

This paper presents a theoretical survey to support the reflections on interdisciplinarity as a pedagogical practice, and the importance of their inclusion in the construction of knowledge in the classroom. To this end, the research drew on the contribution of scholars who deal about interdisciplinarity within the Education, thus, widening the reflections on interdisciplinarity and the interaction between the different curriculum components and between teachers and students without losing its theme specificity treated. Although the main item is the interdisciplinary dialogue, relationship with the other, since there is no interdisciplinarity without reflection, without enthusiasm, respect, without transformation, so that all have to be open to dialogue, aiming at learning and turning it the most significant and exciting.

Keywords: Interdisciplinarity. Pedagogical practice. Curriculum components.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. INTERDISCIPLINARIDADE: DISCUTINDO A ORIGEM E CONCEITO.	11
3. INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA.....	15
4. A SOCIOLOGIA E A INTERDISCIPLINARIDADE	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a origem da interdisciplinaridade, os seus pressupostos e suas implicações na prática pedagógica, enfatizando as dificuldades de sua aplicabilidade. A interdisciplinaridade faz parte da educação brasileira, mas efetivamente ela ainda esta ausente da maioria das nossas escolas. Apesar de ser uma exigência legal, existem inúmeros fatores que interferem e atrapalham, dificultando uma prática interdisciplinar em nosso cotidiano escolar. Um desses fatores é o currículo, que apresenta uma série de componentes, carga horária e os diversos conteúdos das disciplinas que, apesar de estarem agrupadas em áreas de conhecimento, que não são difíceis de serem trabalhadas de maneiras interdisciplinares, muitas vezes são ministradas de forma isoladas sem haver conexões entre elas.

Existem, também certa resistência por parte de alguns educadores que não aceitam modificar sua forma de trabalhar acreditando que isso faz parte de algum modismo ou coisa do gênero. É verdade que qualquer mudança assusta, sendo mais cômodo repetir a mesma metodologia, em que temos segurança e nos sentimos à vontade, mas diversos autores e estudiosos da área de educação, entre eles podemos citar Edgar Morin, Paulo Freire, Ivani Fazenda, acreditam que através da interdisciplinaridade a aprendizagem se torna mais significativa, para os educandos e para a escola de um modo geral.

A partir disso, realizou-se um levantamento teórico para entender a interdisciplinaridade como prática pedagógica, a sua importância e a integração entre os diferentes componentes curriculares, não apenas por ser uma exigência legal, mas como uma necessidade educacional, capaz de transformar o ato de aprender em algo significativo e prazeroso.

De acordo com Japiassu (2006) é preciso que todos estejam abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes fala e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude aberta para o diálogo se não houver um encaminhamento consistente e democrático do processo de ensinar e aprender.

Procuramos referendar essa pesquisa no campo da aprendizagem nos trabalhos de Edgar Morin, Ivani Fazenda, Paulo Freire e Hilton Japiassu e tecendo comentários quando achar oportuno.

A metodologia adotada é de caráter descritivo e exploratório, procurando entender a importância de se adotar uma prática pedagógica interdisciplinar e o porque da resistência de muitos professores de não querer participar de atividades desse tipo. Para abordar essa temática organizou-se o trabalho em três capítulos:

1. No primeiro capítulo, apresentaremos o histórico com a origem e os conceitos que são dados a interdisciplinaridade, bem como faremos uma diferenciação entre os diversos termos que envolvem a temática.
2. No segundo capítulo descreveremos e comentaremos acerca de como está sendo aplicada a interdisciplinaridade nas escolas e como os professores e alunos reagem a esta prática, verificando os autores que defendem e apóiam essa proposta.
3. No terceiro capítulo faremos um paralelo entre a interdisciplinaridade e a prática pedagógica dos professores de sociologia e como são engajados nas atividades curriculares em escolas que procuram aplicar essa proposta.

Nas considerações finais faremos uma avaliação sobre os benefícios trazidos por essa proposta pedagógica e da aplicabilidade da mesma nas escolas públicas e a forma como professores e alunos encaram as atividades realizadas tendo como princípio a proposta da interdisciplinaridade.

2. INTERDISCIPLINARIDADE: DISCUTINDO A ORIGEM E CONCEITO.

Segundo Ivani Fazenda (1999), a interdisciplinaridade surgiu na França e na Itália em meados da década de 60, num período marcado pelos movimentos estudantis que, dentre outras coisas, reivindicavam um ensino mais sintonizado com as grandes questões de ordem social, política e econômica da época. A interdisciplinaridade teria sido uma resposta a tal reivindicação, na medida *em que os grandes problemas da época não poderiam ser resolvidos por uma única disciplina ou área do saber.*

Segundo Fazenda (citado por Fortes)¹ podemos dividir os primeiros estudos sobre as questões interdisciplinares em :

1970 – construção epistemológica da interdisciplinaridade, buscando uma explicação filosófica, procurando uma definição de interdisciplinaridade.

1980- explicação das contradições epistemológica decorrente dessa construção, em busca de uma diretriz sociológica, tentar explicar um método para a interdisciplinaridade.

1990- construir uma nova epistemologia, própria da interdisciplinaridade, em busca de um projeto antropológico a construção de uma teoria da interdisciplinaridade.

A **interdisciplinaridade** começou a ser abordada no Brasil, no final da década de 60 e logo exerceu influência na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases N° 5.692/71. Desde então, sua presença no cenário educacional brasileiro tem se tornado mais presente e, recentemente, mais ainda, com a nova LDB N° 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Além da sua grande influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática dos professores

¹ Clarissa Corrêa Fortes| Graduada em letras – Espanhol e Respectives Literaturas|FAMES|Santa Maria. Aluna do curso de especialização em gestão Educacional|UFSM| Santa Maria.

A utilização da interdisciplinaridade como forma de desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento é uma das propostas apresentadas pelos PCN`s que contribui para o aprendizado do aluno. Apesar disso os estudos têm revelado que a interdisciplinaridade ainda é pouco conhecida. É possível a interação entre disciplinas aparentemente distintas. Esta interação é uma maneira complementar ou suplementar que possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo, saber esse que deve ser valorizado cada vez no processo de ensino-aprendizado. É através dessa perspectiva que ela surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas. Proporcionando um diálogo entre estas, relacionando-as entre si para a compreensão da realidade. A interdisciplinaridade busca relacionar as disciplinas no momento de enfrentar temas de estudo.

As primeiras discussões sobre interdisciplinaridade surgiu na década de 70 e foram lançadas por Georges Gusdorf, em 1961 `a UNESCO , apresentou um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas, na qual fizeram partes alguns estudiosos de Universidades européias e americanas, em diferentes áreas de conhecimento. A proposta desse grupo era indicar as principais tendências de pesquisa nas ciências humanas, no sentido de sistematizar a metodologia os enfoques das pesquisas realizadas pelos pesquisadores.

No Brasil, o conceito de interdisciplinaridade chegou pelo estudo da obra de Georges Gusdorf e posteriormente da de Piaget. O primeiro autor influenciou o pensamento de Hilton Japiassu no campo da epistemologia e o de Ivani Fazenda no campo da educação. Hilton Japiassú foi o primeiro pesquisador brasileiro a escrever sobre interdisciplinaridade no Brasil, em 1976, onde apresentava os principais questionamentos a respeito da temática e seus conceitos, fazendo uma reflexão sobre as estratégias interdisciplinares.

Nesse sentido, tentaremos apresentar as principais motivações desse empreendimento, bem como as justificações que poderão ser invocadas em seu favor, Tudo isso, no contexto de uma epistemologia das ciências humanas, as voltas com suas “ crises” e com seus impasses metodológicos. A resolução dessas crises coincide pelo menos em parte com os objetivos a que se propõe o método interdisciplinar (JAPIASSÚ 1976, p. 53). Outro trabalho importante sobre interdisciplinaridade foi realizado em 1970 por Ivani Fazenda, como pesquisa de mestrado, que surgiu a partir e estudos sobre interdisciplinaridade na Europa Onde a autora permaneceu no seu primeiro estudo, mais no trato dos aspectos relativos à conceituação do que à metodologia,

A introdução de interdisciplinaridade implica simultaneamente uma transformação profunda da pedagogia, um novo tipo de formação de professores e novo jeito de ensinar. Passa se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria, que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear, uma relação pedagógica na qual a posição de um é a posição de todos, Nesses termos, o professor passa para a ser o atuante, o crítico, o animador por excelência.(FAZENDA 1979, . 48-49).

Para Paulo Freire (1987), A interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. A expressão dessa interdisciplinaridade passa pela caracterização de dois movimentos dialéticos: a problematização da situação, pela qual se desvela a realidade, e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada.

De todo modo, o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um atendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área estabelece com as outras ciências. “ A interdisciplinaridade caracteriza –se pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (JAPIASSÚ 1976, p.74).

Ela implica na articulação de ações disciplinares que buscam um interesse em comum. Dessa forma, a interdisciplinaridade só será eficaz se for uma maneira eficiente de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos atores da unidade escolar. A interdisciplinaridade oferece uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca do contexto do conhecimento, em busca do ser como pessoa integral. A interdisciplinaridade visa garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com os limites das disciplinas.

Como afirma Leis (2005, p. 7), “a tarefa de procurar definições finais para a interdisciplinaridade não seria algo propriamente interdisciplinar, senão disciplinar.’ Para esse autor (2005), na medida em que não existe uma definição única possível para esse conceito, senão muitas, tantas quantas sejam as experiências interdisciplinares em curso no campo do conhecimento entendemos que se deva evitar procurar definições abstratas de interdisciplinaridade. Os conhecimentos disciplinares são paradigmáticos (no sentido de Kuhn,1989), mas não são assim os interdisciplinares. Portanto, a história da interdisciplinaridade confunde-se com a dinâmica viva do conhecimento. O mesmo não pode ser dito da história das disciplinas, que congelam de forma paradigmática o conhecimento alcançado em determinado momento histórico, defendendo-se de qualquer abordagem alternativa numa guerra de trincheiras.

O que se pode afirmar no campo conceitual é que a interdisciplinaridade será sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizadora (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo. Independente da definição que cada autor assuma, a interdisciplinaridade está sempre situada no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e onde simultaneamente se exprime a resistência sobre um saber parcelado.

Para Japiassu (1976), a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto. A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana pela passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade e, assim sendo, recuperar a idéia primeira de cultura (formação do homem total); o papel da escola, formação do homem inserido em sua realidade e o papel do homem (agente das mudanças do mundo).

Portanto, mais do que identificar um conceito para interdisciplinaridade, o que os autores buscam é encontrar seu sentido epistemológico, seu papel e sobre o processo do conhecer. Ainda que a noção de interdisciplinaridade não se configure como um sentido unívoco e preciso, em vista do conjunto de enfoques que ela recebe, mesmo que não possamos generalizar uma concepção de interdisciplinaridade, o certo é que há uma compreensão comum, por parte dos seus diversos teóricos, na necessidade de relação de sentidos e significados na busca do conhecimento, objetivando uma percepção de saberes em conjunto.

“ O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém diálogo permanente com os outros conhecimentos, que pode ser questionado, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação.[...] Brasil(1999, p.88).

3 INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA

Há uma necessidade de se fazer um balanço sobre práticas e teorias que atravessaram os tempos. Falar de perspectivas atuais para a educação é, também falar, discutir, identificar o espírito presente no campo das idéias, dos valores e das práticas educacionais que as perpassa, marcando o passado, caracterizando o presente e abrindo

possibilidades para o futuro. Algumas perspectivas teóricas que orientaram muitas práticas poderão desaparecer, e outras permanecerão em sua essência.

Compreender a importância da interdisciplinaridade na nossa prática pedagógica, não apenas por uma exigência legal mais como uma necessidade educacional capaz de transformar o ato de aprender em algo significativo e prazeroso.

Quais teorias e práticas se fixaram no éthos educacional, criaram raízes e atravessarão o milênio? Para entender o futuro, é preciso revisitar o passado. Gadotti (2000 p.xii) nos alerta para a evolução das novas tecnologias, centradas na comunicação de massa, na difusão do conhecimento, ainda não se fizeram sentir plenamente no ensino – como previra McLuhan já em 1969 – pelo menos na maioria das nações.

Ele salienta que os sistemas educacionais ainda não conseguem avaliar o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes. Trabalha-se ainda com recursos tradicionais que não tem apelo para as crianças e jovens.

Mas sabemos vivemos em uma época que nunca foi tão fácil obter informações. Quase todas as pessoas possuem internet e as informações chegam de forma muito rápida , bastando para isso um click. Mas será que a escola tem acompanhado todo esse desenvolvimento? A constituição de 1988, a educação é um direito de todos, dever do Estado e da família. Ela visa o pleno desenvolvimento da pessoa, ao seu preparado para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho. Para Gadotti (2000 p.28):

“O ensino deve ser ministrado levando em conta a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, a liberdade de aprender, o pluralismo de idéias, a gratuidade do ensino público, a valorização dos profissionais do ensino, a gestão democrática e o padrão de qualidade”.

De forma que todas as políticas devem convergir para a melhoria da qualidade de ensino das escolas, garantindo-lhes os meios para que elas possam exercer suas funções com autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira. Com a criação dos conselhos escolares que têm caráter deliberativo, tornou-se um órgão normativo e executivo da gestão escolar, de forma que as necessidades e mudanças que a escola deseja realizar não é feita de forma e sim compartilhada, com participação de representantes de toda a esfera escola (pais, alunos, pessoal administrativo, serviços

gerais, professores e gestores). Assim torna-se mais fácil saber o que está funcionando e o que precisa ser mudado em todos os setores da escola, principalmente no que contribua para a melhoria da qualidade de ensino, pois essa é meta essencial da educação, ou seja, proporcionar o desenvolvimento pleno da pessoa como ressalta a Constituição.

Para Oliveira (2010 p.258) são objetivos da educação:

“a transmissão da cultura, a adaptação dos indivíduos à sociedade, o desenvolvimento de suas potencialidades e, como consequência, o desenvolvimento da personalidade e da própria sociedade”.

A escola para atender a esses dispositivos durante anos tem lançado mão de vários métodos e seguido as tendências pedagógicas (escola nova, tecnicista, progressista, construtivista etc..) das mais variadas e copiadas de outras realidade em busca da melhoria da qualidade de ensino. Mas embora tenhamos avançado em muitos pontos e tenha melhorado os investimentos na educação e ainda não conseguimos melhorar as condições físicas (ainda utiliza-se quadro de giz, falta computadores e material escolar precário, quando chega nas escolas), na formação do professor que ainda deixa a desejar e na valorização financeira, melhorando seus salários.

Aliado a tudo isso, ainda temos uma educação compartimentalizada, onde os conteúdos são individualizados e cada um busca a sua maneira ministrá-lo, de forma individualizada, sem que haja conexão entre as diversas áreas do saber. Para tentar resolver essa situação foram lançados os PCNS que procura orientar a escola na escolha dos conteúdos, a forma de trabalhar e relacionar temas chamados de transversais, que podem ser trabalhados conjuntamente, pelas várias áreas do conhecimento.

Em contrapartida surgiu pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista, chamado de interdisciplinaridade. A fragmentação representava uma questão essencial para o próprio progresso científico. Trata-se de entender a relação entre” o todo e as partes”, no dizer de Lucien Goldman (1979, p.3-25 citado por Gadotti, 2000 p.221). Para ele, apenas o modo dialético de pensar, fundado na historicidade, poderia resgatar a unidade das ciências. Com a fragmentação do saber, aparece o, e as fronteiras entre as disciplinas alargaram-se. A interdisciplinaridade vinha, então, com a promessa de romper com a epistemologia positivista, mesmo permanecendo fiel aos seus princípios.

A interdisciplinaridade visa a garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras das disciplinas. Para isso, integrar conteúdos não seria suficiente. Seria preciso, como sustenta Ivani Fazenda (1979, p.8), uma atitude, isto é, uma postura interdisciplinar. Atitude de busca, envolvimento, compromisso, reciprocidade diante do conhecimento.

Com os PCNs vieram também os temas transversais que permite que a educação passasse a pensar de forma interdisciplinar, mais que esbarrou na aceitação do professor, que não se o porquê de resistir e muitas vezes não quer participar desse tipo de atividade. Os professores ainda são temerosos por invadir assuntos referentes à outra área. Falta uma educação crítica direcionada ao aluno, na qual a curiosidade seja o ponto de partida e a participação, a chegada. E de professores que estejam aptos a refletir sobre o fazer constante em sala de aula (Conde)².

Uma das concepções mais difundidas por Freire é refletir acerca do que ensinar. Ensinar não é transmitir conhecimentos, é levar o educando a construir seu saber e tomar decisões que o ajude a exercer sua cidadania de forma plena. Como Freire escreveu:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou na sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (Freire, 1999 p. 52).

A participação deve ser efetiva e também política, no sentido de dar voz ao aluno em sala de aula. Assim também se desenvolve a criticidade no aluno, com a sua efetiva participação, não se preocupando apenas com os conteúdos formais, mas, principalmente, com assuntos pertinentes ao nosso dia a dia. Para que se tenham alunos questionadores, que tenha respeito pelos outros, que tenha consciência de seus direitos e deveres é necessário que eles sejam críticos. E para que a escola consiga isso é

necessário preparação e envolvimento de todos, e isto pode ser feito quando se trabalha de forma interdisciplinar.

2. Érica Pires Conde é licenciada em Letras (Português) pela Universidade Estadual do Piauí e em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP; Mestre em Educação pela Universidade São Marcos – São Paulo, e em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

A interdisciplinar desenvolveu-se em diversos campos e na educação ela teve um desenvolvimento particular: nos projetos educacionais, que se baseiam nos seguintes princípios, conforme Moacir Gadotti (2000, p 222):

- Noção de tempo: o aluno não tem tempo para aprender. Ele aprende a toda hora e não apenas na sala de aula.
- Crença de que é o indivíduo que aprende. Ele tem uma relação direta e pessoal com a aquisição do saber.
- Embora apreendido individualmente, o conhecimento é uma totalidade.
- A criança, o jovem e o adulto aprendem quando têm um projeto de vida e o conteúdo do ensino é significativo. Aprendemos quando nos envolvemos com emoção e a razão SAR, no processo de reprodução e criação do conhecimento. A biografia do aluno é a base do método para construção\ reconstrução do conhecimento.
- A interdisciplinaridade é uma forma de pensa, (Piaget, 1972 p 144 citado por Gadotti, 2000 p. 222) sustentava que a interdisciplinaridade é uma forma de chegar a transdisciplinaridade, etapa que não ficaria na interação e reciprocidade entre as ciências, mas alcançaria um estágio no qual não haveria mais fronteiras entre as disciplinas.

Para que a escola adote o trabalho interdisciplinar é necessário que ela tenha atitude e métodos que implica:

- Integração de conteúdos
- Passar de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento.

- Superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa, a partir da contribuição das diversas ciências;
- Ensino-aprendizagem numa centrado numa visão de que aprendemos ao longo de toda vida

A ação pedagógica através da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. O seu objetivo tornou-se a experimentação da vivência de uma realidade global, que se insere nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, nas teorias positivistas, era compartimentalizada e fragmentada. Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente etc... tornou-se , no últimos anos, o objetivo da interdisciplinaridade, que se traduz, na prática, por um trabalho coletivo e solidário na organização da escola.

4 A SOCIOLOGIA E A INTERDISCIPLINARIDADE

A Lei 9.394/96 estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do ensino da Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem por atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vista social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social (PCNEM, p.318).

- Parecer CNE/CEB nº 38/2006, aprovado em 7 de julho de 2006
Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio.
- Resolução CNE/CEB nº 4, de 16 de agosto de 2006
Altera o artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.
- Parecer CNE/CEB nº 22/2008, aprovado em 8 de outubro de 2008
Consulta sobre a implementação das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio.
- Resolução CNE/CEB nº 1, de 18 de maio de 2009
Dispõe sobre a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Todas as ciências podem ser objeto da Sociologia. A Sociologia do conhecimento estuda como elas surgiram e se desenvolveram e quais foram seus condicionantes sociais, políticos e econômicos, além das relações entre cientistas e seus protocolos, autoridades, status, hierarquias, prestígios e fatores considerados extracientíficos.

Por sua vez outras ciências contribuíram para construção dos conhecimentos das ciências sociais. A Filosofia, a física, a Biologia e a Matemática seus sempre estiveram presentes com seus pressupostos metodológicos ou com inspiração e instrumentalização das teorias sociológicas.

Pode-se dizer que a Sociologia relaciona-se com todas as outras ciências ou as outras disciplinas do currículo do ensino médio. Com um pouco de esforço, é possível desenvolver um excelente trabalho interdisciplinar ao tratar de vários temas que envolvem o cotidiano dos alunos ou que são muitas vezes notícias nos meios de comunicação.

A relação entre a Sociologia e a Filosofia é muito próxima. Pode-se afirmar que sem a Filosofia não seria possível entender a Sociologia, já que os pressupostos epistemológicos desta têm por fundamento uma visão filosófica. Correntes como positivismo (Comte), o idealismo (Kant) e a dialética (Hegel), que fundamentam muitas teorias e conceitos sociológicos, com Durkheim e Bourdieu, foram também filósofos.

A sociologia como qualquer outra disciplina, até mesmo as disciplinas das áreas de exatas, como a matemática, por exemplo, faz sentido se for delimitada dentro de um projeto maior de educação, de formação dos adolescentes, dos jovens e dos adultos. **“É preciso que superemos o hábito de entender currículo como grade curricular, que se torna um mero exercício de divisão de carga horária, virando um campo de batalha entre os professores que, certamente, vão defender seu espaço imediato de trabalho” (Silva, Iliezi Fiorelli.2009:01)**

Esta havendo um acúmulo de informações e o aluno não está fazendo as ligações de interpretação sobre as disciplinas com a sua realidade do cotidiano. O aluno não vê sentido em aprender as disciplinas, pois alega que não vai contribuir em nada em sua vida. O ideal é mostrar para o aluno e para os professores que a educação faz parte de um todo e a interdisciplinaridade é essencial dentro da sala de aula, para dar sentido na vida do aluno e o mesmo verem no conteúdo, relação com o seu cotidiano. Pois o ensino não pode ser fragmentado e desconectado da vida do aluno, ele tem que ver na educação a oportunidade de ascensão social Como diria o professor Florestan Fernandes

a escola seria o local onde se deveria desenvolver a consciência social crítica do indivíduo, para que o mesmo tivesse condições de transformar a sua realidade. Fazer do indivíduo cidadão munido de armas, ou melhor, argumentos para desnaturalizar a sua vida cotidiana.

Como pensar na interdisciplinaridade no ensino médio sem antes rever o ensino superior. A interdisciplinaridade faz sentido se for delimitada dentro de um projeto maior de educação, de ensino superior. Falar em interdisciplinaridade no ensino médio, sem antes pensar na formação do futuro professor, seria um equívoco, pois, falta esse diálogo entre os cursos superiores, ou até mesmo nas disciplinas que formam a grade curricular do curso. Impedindo assim uma verdadeira comunidade intelectual.

O próprio universitário acaba interiorizando e reproduzindo esse vício acadêmico ou pior levando para as escolas esse modelo estruturante da academia. Porém para se pensar num outro modelo de escola, desejando uma verdadeira educação da mesma forma em torno que se concretize um projeto de sociedade, tem que romper com as velhas estruturas que não só estão enraizadas nas universidades, mas também estão sendo reproduzidos nas escolas distorcendo a educação, além de reforçar o status que e evitando qualquer modelo de mudança e transformação. Cria-se um projeto comum de trabalho, se treine o sociólogo para conhecer os problemas da epistemologia e vice versa, se treina o filósofo das ciências para ter experiências do processo de investigação; se desenvolva objetivos que sejam reciprocamente necessários, isso é que é o essencial. Porque, senão houver, desde o começo, esse projeto comum, então não há nenhuma coordenação possível (Fernandes, Florestan ,1995:76).

Portanto pensar em resolver os problemas da interdisciplinaridade nas escolas sem antes mudar as estruturas das universidades seria em uma linguagem popular, nadar contra a maré, ou seja, o professor já tem que sair da universidade com a questão interdisciplinar internalizada, e vivenciada no cotidiano acadêmico e assim construir no dia –a -dia nas salas de aulas

A concepção interdisciplinar transita, nos diversos modelos de currículo, desde o conservador aos mais críticos e varia de acordo com o contexto histórico e social. Mas a interdisciplinaridade que queremos é a partir das relações que se estabelece entre as disciplinas, pois os conceitos, teorias ou práticas de uma disciplina são chamando a discussão e auxiliam a compreensão de um recorte de conteúdo qualquer de outra disciplina.” Ao tratar do objeto de estudo de uma disciplina, buscamos nos quadros

conceituais de outras disciplinas referenciais teóricos que possibilitem uma abordagem mais abrangente desse objeto” (Diretrizes curriculares da educação básica. 2008: 27).

Para facilitar o entendimento do aluno e para a aula se desenvolver, ao introduzir o conteúdo, o professor deve fazer um diálogo com outras disciplinas, para que o aluno se encontre e faça a ligação do conteúdo com as diversas disciplinas trabalhadas na série que está cursando, e assim como consequência desenvolva seu processo cognitivo.

O Estado não dá condição para o professor trabalhar a interdisciplinaridade, já que o mesmo tem cargas horárias exaustiva. O professor na sala de aula o profissional da educação, ou melhor, o professor se defronta com uma realidade oposta a vivenciada nos quatro anos de sua formação.

O professor perde o status de intelectual e se vê na mesma circunstância de um operário de chão de fábrica. Os professores são vistos socialmente como meros funcionários da escola, destituídos da liberdade cátedra necessária para sua atuação como mediadores entre o conhecimento e as futuras gerações em formação e, por vezes, culpabilizados pelos problemas de seu local de trabalho. (COSTA, Auréria C. 2009:65).

Ao ser contratado para lecionar o professor vivencia uma violência simbólica contra os alunos e contra ele mesmo, salas de aulas lotadas com 40 alunos, salários baixo, o que o leva a pegar 40 horas aula, e para cumprir essa estão sendo reproduzidos nas escolas distorcendo a educação, além disso, reforçando o status quo evitando qualquer modelo de mudança e transformação.

Para Gasparin “a quantidade de aulas que ministra o número de colégios que necessita percorrer, a diversidade de disciplinas que assume para completar sua carga horária e seu salário o impedem de elaborar e de executar qualquer plano mínimo de trabalho.”(2009, p.149). Assim não cria se vínculo com a escola, e muito menos com os alunos, desconstruindo a relação de professor e aluno, que seria essencial para a articulação interdisciplinar. O professor não tendo tempo disponível não tem condições de dialogar com seus pares de outras disciplinas, pois o próprio Estado não lhe dá condições para esse diálogo.

À vista dessa realidade, a própria condição que o Estado não dá para o professor acaba desconstruindo os PCNS, onde o documento diz que a organização das disciplinas abarcam no seu interior a interdisciplinaridade. Posto que o próprio PCNS não deixa claro o que seria a interdisciplinaridade lembrado que existe outros termos como multidisciplinariedade, pluridisciplinariedade, e transdisciplinaridade, ou seja, são termos distintos, no qual tem que ficar esclarecido para não serem aplicada

equivocadamente nos currículos escolares isto é a multidisciplinaridade: é a organização de conteúdos mais tradicionais. Os conteúdos escolares apresenta se por matérias independentes uma das outras. As cadeiras ou disciplinas são simultaneamente sem que se manifestem explicitamente as relações que possam existir entre elas.

A pluridisciplinaridade: é a existência de relações complementares entre disciplinas mais ou menos afins. É o caso das contribuições mutuas das diferentes histórias (das ciências da arte, da literatura, etc.) ou das relações entre diferentes disciplinas das ciências experimentais.

A interdisciplinaridade: é a interação de duas ou mais disciplinas. Essas interações podem implicar transferências de leis de uma disciplina a outra, originando, em alguns casos, um novo corpo disciplinar, como por exemplo, a bioquímica ou a psicolinguística. Podemos encontrar essa concepção nas áreas de ciências sociais e experimentais no ensino médio e na área de conhecimento do meio do ensino fundamental.

A transdisciplinaridade: é o grau máximo de relações entre disciplinas, de modo que chega a ser uma integração global dentro de um sistema totalizador. “Esse sistema facilita uma unidade interpretativa, com o objetivo de construir uma ciência que explique a realidade sem fragmentação. (ZABALA, Antoni. 2002:33).

O autor deixa bem claro as diferenças dos termos para compreendermos melhor o conceito da palavra interdisciplinaridade, ou seja, substituição de um ensino fragmentado por um ensino unitário que seria um dialogo entre as disciplinas que visa um ensino de qualidade, porém o Estado não da condições para se trabalhar a interdisciplinaridade na prática, fica só na teoria.

Na escola atual, graças á crise profunda da tradição cultural e da concepção da vida e do homem, verifica-se um processo de progressiva degenerescência: as escolas do tipo profissional, isto é, preocupada em satisfazer interesses práticos imediatos, tomam a frente da escola formativa, imediatamente desinteressada. O aspecto mais paradoxal reside em que este novo tipo de escola aparece e é louvada como democrática, quando na realidade, não só é destinada a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-la em formas chinesa (GRAMSCI. 1991:136)

Em outras palavras o Estado não tem o interesse de por em prática a interdisciplinaridade, aliás, nossos governantes não desejam uma população que questione o seu meio social que desnaturalize a sua realidade cotidiana. O trabalho conjunto das disciplinas seria instrumentalizar os educadores fazer com, que eles

reflitam sobre a educação desnaturalizando os fenômenos sociais, desenvolvendo um olhar mais crítico acerca da educação e da realidade que os cercam, que a escola não está isenta desta realidade.

Como diria Karl Marx, olhar não a aparência e sim a essência da realidade social. O interesse da sociologia assim como as demais disciplinas seria buscar superar as dificuldades e as desigualdades dentro da escola, que possibilite o aluno a ter uma verdadeira educação, que o direcione por toda a vida e contribua para a transformação do seu meio social.

A prática interdisciplinar é um processo construído coletivamente e aos poucos tanto entre os professores como entre os alunos. Esse seria um processo construído coletivamente, e não individualmente, embora, respeitando a metodologia específica de cada disciplina. Portanto o termo (inter) seria, troca de conhecimentos (disciplina) ciência, troca de conhecimento entre as ciências, valorizado sem distinção cada disciplina e com o mesmo valor intelectual o material produzido pelo professor.

No trabalho interdisciplinar não é possível a justaposição de disciplinas, é mais intenso do que a multidisciplinaridade ou a pluridisciplinaridade. É preciso uma postura interdisciplinar devendo existir, imbricações dos diferentes campo do conhecimento. No entanto, é imprescindível que o professor conheça o conceito de cada disciplina envolvida, para que possa integrá-la. (FAZENDA, Ivani, Catarina, Arante.1993,p.68) universidade, que o mesmo já tenha vivenciado a interdisciplinaridade na sua formação no qual esse diálogo com as demais disciplinas venha reforçar a sua formação que o possibilite em sala de aula com seus pares a integrar a interdisciplinaridade.

Cada unidade é um miniprojeto de trabalho que, junto aos de outras unidades constitui o plano integrado da disciplina. Com base no conteúdo escolar, será possível identificar sua forma concreta de existir na vivência cotidiana dos docentes e da sociedade; interroga-lo; definir as dimensões sob as quais será tratado; buscar formas adequadas de trabalha-lo prevendo-se a síntese possível que o aluno fará ao término do processo e como aplicará o novo conhecimento em sua vida. (GASPARIN, João Luiz. 2009:150).

As disciplinas precisam dialogar entre si trocar experiências, deste modo essa troca de experiência contribua para um modelo de educação, no qual beneficiando o professor como o aluno. Portanto pensar na educação como um todo, que influência e sofre influencia da sociedade, uma educação dinâmica e não estática.

Construir um projeto, no qual valoriza o aluno e estimule o professor a buscar conhecimentos, em outras disciplinas que enriqueça a sua aula, e com essa perspectiva, que a pedagogia histórico crítica, contribui e muito para prática interdisciplinar dentro das escolas, porque essa visa uma educação dinâmica, isso quer dizer uma educação construída entre professor e aluno. Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar e perceberam que era possível e depois preciso trabalhar maneiras, caminhos métodos de ensinar. (FREIRE, 1996: 25,26).

A pedagogia-histórico crítica se trata de uma alternativa nova de ensino para a maioria dos professores. Pois o aluno é posto no centro da prática, onde a teoria se desenvolve, vai sendo construída com a prática em sala de aula no qual a realidade do aluno é levada para dentro da sala de aula.

Levar à teoria a realidade do aluno para que o mesmo a utilize para a transformação, desnaturalização dos acontecimentos, sempre como base as teorias científicas. O professor vai construir o conhecimento com o aluno e desenvolver o senso crítico do mesmo, que o ajudara no seu cotidiano.

Em suma seria desta maneira: prática, teoria, prática, ou seja, o professor parte do que o aluno já sabe, faz a mediação com a teoria, e o aluno sai da sala de aulas com a prática modificada, com outra visão da prática, pois foi modificado pela ciência. A sociologia assim como as demais disciplinas está engessada em uma estrutura arcaica de educação, onde como já foi mencionado acima, o Estado não dá condições para a escola por em prática a interdisciplinaridade, fica só nas teorias.

Mesmo o professor com toda vontade de desenvolver na prática a interdisciplinaridade, acaba sendo barrado pela circunstância que lhe encontra a sua situação como profissional da educação. Como disse o próprio professor Gasparin: “torna-se inviável por causa da estrutura organizacional da maioria das escolas de ensino fundamental, médio e mesmo de ensino superior”. (GASPARIN, 2009:149).

Quando a estrutura é questionada, como uma das barreiras da Interdisciplinaridade, é questionada como um todo desde a universidade, que acaba

reproduzindo nos demais segmentos da sociedade esse individualismo educacional e as primeiras vítimas são as escolas de ensino fundamental e médio, não obstante esse individualismo é absolvido pelo aluno que não vê na educação sentido para seguir em frente nos seus estudos.

É importante que o aluno compreenda essa relação interdisciplinar por meio da promoção de atividades que aproximem os vários campos do saber que fazem parte do currículo do ensino médio. Por isso que a sociologia abriga todos os requisitos para empenhar com seus pares uma educação interdisciplinar, que faça sentido para que o aluno veja motivo para continuar sua educação formal. Pois o professor Florestan Fernandes já dizia que a sociologia tem que ser a voz dos desfavorecidos, essa voz tem que ecoar nas escolas.

A Sociologia, como ciência que estuda a civilização em seus aspectos humanos e coletivos, por meio da análise crítica e transformadora, tem um papel fundamental no mundo contemporâneo, exige as disciplinas dialoguem entre si, troquem experiências, deste modo essa troca de experiência contribua para um modelo de educação, no qual beneficie tanto professor e aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo demonstrar que as noções de interdisciplinaridade expressam uma compreensão de sentidos e conceitos, sendo uma exigência das leis que regem a educação do Brasil, ela permite uma melhor interação entre as diversas áreas do conhecimento e entre alunos e professores.

Fizemos um breve apanhado de conceitos teóricos formulados por pesquisadores a respeito da interdisciplinaridade. Passamos por sua origem e conceito. Tocamos na questão da relação professor-aluno, mostrando quanto a interdisciplinaridade pode facilitar o processo de aprendizagem e ajudar a melhorar a relação entre docente e discente mas, para isso é necessária uma mudança na postura do educador, no modo de lidar com a educação e de valorizar a interdisciplinaridade dos conteúdos e sua

aplicabilidade nas escolas públicas pode melhorar e ampliar a bagagem cultural dos alunos.

Finalizamos falando da Sociologia e interdisciplinaridade, já que o programa desta disciplina possibilita uma diversidade de propostas e organização expressam a busca de uma interdisciplinaridade, pois a Sociologia tem se mostrado dinâmica e reflexiva, incorporando saberes e contribuição de todas as formas de conhecimento.

Para realização desse trabalho foi feito um levantamento histórico de como, onde, e porque surgiu a proposta interdisciplinar, quais os autores que defendem e apoiam essa proposta e quais as implicações legais da sua aceitação no âmbito escolar.

Analisar a interdisciplinaridade e o seu aparo legal pode não solucionar as inúmeras dificuldades e problemas que a educação enfrenta no Brasil, mas com certeza fará a diferença entre o aprendizado significativo ou não.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, MEC. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Paraná, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC\SEF. 146p.

COSTA, AUREA, NETO EDGARD, SOUZA, GILBERTO. **A Proletarização do Professor: Neoliberalismo na Educação** . São Paulo: Sundermann, 2009.

FAZENDA, IVANI CATARINA ARANTE , **Práticas Interdisciplinares na Escola**
São Paulo:Cortez,1993.

FAZENDA, Ivani. **Interação e interdisciplinaridade no Ensino brasileiro: Efetividade ou ideologia?** São Paulo, Loyola, 1992.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade um projeto em parceria.** São Paulo, Loyola, 1991.

FERNANDES, FLORESTAN. **A sociologia no Brasil.** Petrópolis, RJ: vozes. 1977 .

FERNANDES, FLORESTAN. Transformação .Revista de Filosofia. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Paraná, 2008.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** 17 ed. São Paulo. Paz e terra. 1996.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz Terra, 1998.

GADOTTI, MOACIR. **Perspectivas Atuais da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. Revista brasileira de educação V, 13 nº 39.

GARCIA, L..A.M. **Transversalidade e Interdisciplinarida.** Disponível em <<http://4pilares.net/text-cont/transversalidade-print.htmLG>>, Acesso em 13/12/2014.

GASPARIN, JOÃO LUIZ . **Uma Didática para a Pedagogia Histórico – Crítica**
Campinas SP: 5º edição autores associados.2009.

GRAMSCI, A. **Caderno 12: Apontamento e Notas Esparsas para um Conjunto de ensaios Sobre a Historia dos Intelectuais. Apresentação Comentários, Notas e Revisão Técnica de Tradução de Paolo Nosella.** São Carlos /SP: Universidade Federal de São Carlos, 1989,Mimeografo.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**, Rio de Janeiro. Imago, 1976

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 2, n. 3, jul./dez. 2013.

SILVIA, ILEIZE, FIORELLI. **O Papel da Sociologia no Currículo do Ensino Médio**, São Paulo, 1993.

ZABALA, ANTONI. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo: Uma Proposta para o Currículo Escolar**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2002.